



**HAYDN E
MENDELSSOHN**

ENTRE DOIS MONDOS

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE

CCB

21H PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

6 JUNHO '09

HAYDN E MENDELSSOHN

M/12 ANOS **ENTRE DOIS MUNDOS**

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE

FILIPE PINTO-RIBEIRO PIANO
TATIANA SAMOUIL VIOLINO I
JOLENTE DE MAEYER VIOLINO II
TONY NYS VIOLA
JUSTUS GRIMM VIOLONCELO
TIAGO PINTO-RIBEIRO CONTRABAIXO
VLADIMIR MENDELSSOHN VIOLA
(PARTICIPAÇÃO ESPECIAL)

CENOGRAFIA A PARTIR DE DESENHOS DE GABRIELA ALBERGARIA
AGRADECIMENTO ESPECIAL GALERIA VERA CORTEZ

Programa

1.ª Parte

Joseph Haydn (1732-1809)

Trio para Piano, Violino
e Violoncelo, em Sol maior,
Hob XV: 25, *Cigano*
I. *Andante*
II. *Poco adagio, cantabile*
III. *Rondo all'Ongarese: Presto*

Felix Mendelssohn (1809-1847)

Sonata para Violino e Piano,
em Fá Maior (1838)
I. *Allegro vivace*
II. *Adagio*
III. *Assai vivace*

2.ª Parte

Joseph Haydn

Quarteto de Cordas,
em Dó maior, op. 76 n.º 3, *Imperador*
I. *Allegro*
II. *Poco adagio cantabile*
III. *Menuetto: Allegro*
IV. *Finale: Presto*

Felix Mendelssohn

Sexteto para Violino, 2 Violas,
Violoncelo, Contrabaixo e Piano,
em Ré maior, op. 110
I. *Allegro vivace*
II. *Adagio*
III. *Menuetto: Agitato*
IV. *Allegro vivace*



ENTRE DOIS MUNDOS

A música de câmara foi um dos géneros por excelência do classicismo musical. Entre quartetos de cordas, sonatas e obras para vários tipos de conjuntos com ou sem piano, a diversidade da criação no final do século XVIII é imensa. Os consumidores deste tipo de música variavam entre a aristocracia e a burguesia progressista e culta, entre as cortes e os salões mais em voga das grandes cidades. A prática da música de câmara tornou-se numa forma privilegiada de interação social em alguns meios da sociedade, sobretudo porque, à época, a diferença entre um bom músico amador e um profissional era pouco relevante e a dificuldade de execução das obras era relativamente acessível – pelo menos, e como refere Brigitte François-Sappey, até aos quartetos op. 59, *Razumovsky*, de Beethoven.

Nesta perspectiva, não é de estranhar que os três compositores que formam a, por vezes, denominada Primeira Escola de Viena, Franz Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven, tenham sido prolíficos compositores de obras de música de câmara, nalguns casos fixando os parâmetros do género e estabelecendo referências duradouras para o século XIX e para as várias gerações de compositores românticos. Felix Mendelssohn foi um dos mais prestigiosos representantes deste período e um dos que mais tomou os mestres clássicos como modelos e a sua música como fonte de inspiração.

JOSEPH HAYDN

(Rohrau, 31 de Março de 1732 – Viena, 31 de Maio de 1809)

Trio para Piano, Violino e Violoncelo, em Sol maior, Hob.XV:25, *Cigano*
Quarteto para Cordas op. 76 n.º 3, *Imperador*

Os inúmeros trios com piano escritos por Joseph Haydn são um conjunto comparável, em importância, aos quartetos de cordas e às sinfonias. Haydn foi sem dúvida, como é muitas vezes referido, o “pai” do género – ou, pelo menos, um dos seus maiores impulsionadores. No entanto, os trios com piano de Haydn não são obras muito populares e interpretadas em público, o que se torna ainda mais evidente se os compararmos à popularidade notória de algumas sinfonias e quartetos.

Uma das razões para tal subvalorização deve-se provavelmente, como explicou o musicólogo Charles Rosen, ao facto de Haydn nunca ter desenvolvido, nestas peças, a independência do violoncelo (que, geralmente, se limita a duplicar o registo grave do piano). De facto, os trios com piano de Haydn podem ser vistos como sonatas para piano com acompanhamento de violino e de violoncelo, este último, sobretudo, gozando de muito pouca autonomia. Embora Mozart tenha explorado, no contexto específico do trio com piano, o equilíbrio entre os instrumentos, esta era uma prática comum no século XVIII que pode ser explicada pela natureza da fabricação e do potencial dos instrumentos da época. O *pianoforte* de Haydn não tinha a força e profundidade no registo grave, nem o lirismo de um piano moderno. O violino e o violoncelo serviam, de certa forma, para compensar essas limitações e para fornecer uma dinâmica mais ampla à música, coisa que o *pianoforte* por si só não conseguia. Embora com instrumentos modernos estas preocupações se tornem redundantes e até ultrapassadas (tendo surgido outras, como o problema do equilíbrio sonoro entre os instrumentos), é este contexto de criação que temos de ter em mente para apreciar a qualidade e o interesse intrínseco deste conjunto de obras.

Foi em 1795, durante a sua segunda e muito bem sucedida estada em Londres que Haydn, já com mais de sessenta anos, escreveu o Trio em Sol maior, Hob.XV:25, *Cigano*, provavelmente o mais conhecido de todos os seus trios com piano. Embora as sinfonias tenham sido a grande causa do sucesso de Haydn na capital britânica, a verdade é que o compositor também dedicou parte do seu tempo aos trios, uma combinação de instrumentos a que recorreu muitas vezes no seu período mais tardio.

O trio *Cigano*, que vamos hoje ouvir, faz parte de um grupo de três, juntamente com o Trio Hob.XV:24 e com o melancólico Trio Hob.XV:26 escrito na invulgar tonalidade de Fá sustenido menor. O conjunto foi dedicado a Rebecca Schroeter, uma jovem viúva que Haydn conheceu em Londres e que o ajudava a copiar as suas partituras.

O Trio em Sol maior inicia-se com um *Andante* baseado em dois temas, o que destoa em relação ao tradicional *allegro* inicial na forma-sonata (exposição dos temas, desenvolvimento, reexposição). Este é seguido por um andamento lento, marcado *Poco adagio*, *cantabile*, que na realidade é baseado no *Adagio* da Sinfonia n.º 102 do compositor, escrita na mesma altura e estreada a 2 de Fevereiro de 1795. Mas a popularidade da obra deve-se sobretudo ao *Rondo all'Ongarese* final, inspirado na música popular húngara que Haydn conhecia bem por ter passado muitos anos em Eisenstadt e Eszterháza. O andamento é baseado num tema cigano que se desenvolve energeticamente, alternado constantemente entre os modos maior e menor.

Ao contrário dos trios com piano, os quartetos de cordas de Haydn gozam de grande popularidade. O compositor foi crucial na génese do género, escrevendo várias dezenas de quartetos, incluindo variadíssimas obras-primas. De facto, os quartetos de cordas são um dos conjuntos de obras de Haydn que gozam de maior consideração.

Os quartetos eram utilizados como laboratório pelos compositores, que neles aplicavam toda a sua perícia composicional e eram, sobretudo, dirigidos a iniciados. Ao contrário dos trios com piano e, se quisermos, em alternativa a estas obras mais “leves” e lúdicas dirigidas a todo o tipo de amadores, os quartetos eram composições mais intelectuais, mais difíceis de apreender.

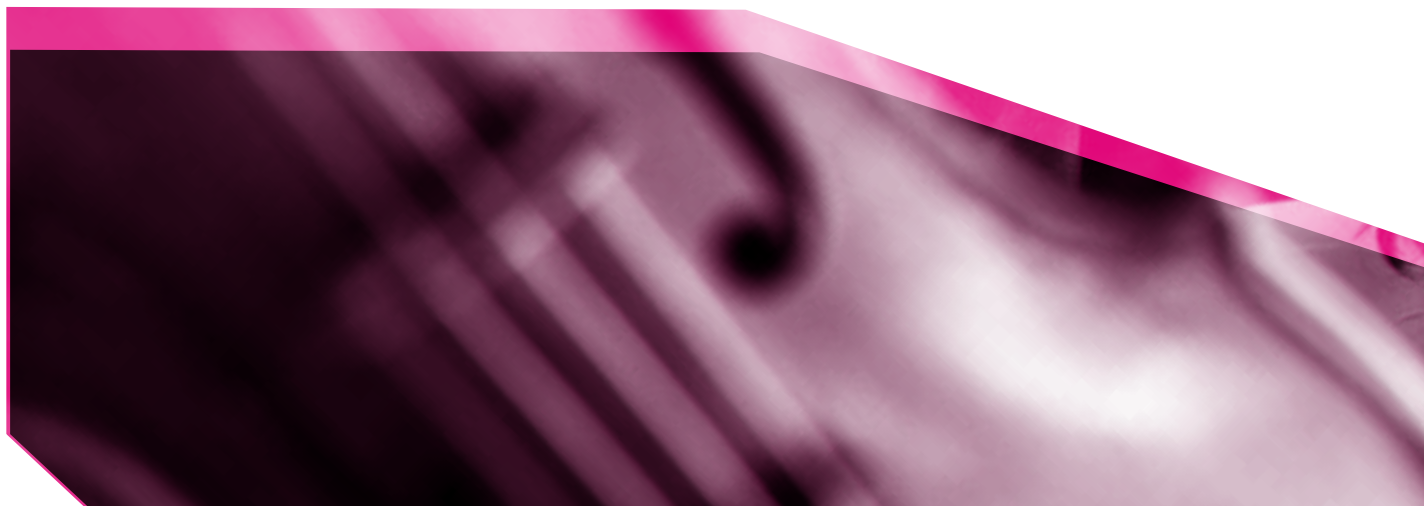
O Quarteto em Dó maior op. 76 n.º 3, dito *Kaiser* ou *Imperador*, faz parte de um grupo de seis quartetos que Haydn escreveu em 1796 e 1797, pouco tempo depois da sua segunda estada em Londres. Foram encomendados pelo con-

de Joseph Erdödy, a quem foram depois dedicados e publicados em 1799.

O tema do segundo andamento do terceiro quarteto deste conjunto tornou-se universalmente conhecido já que foi utilizado como base do hino da Alemanha. Originalmente, o tema foi escrito por Haydn em honra do imperador Franz II (1768-1835), *Gott erhalte Franz den Kaiser* (Deus proteja o imperador Franz). Haydn reutilizou-o no segundo andamento deste quarteto que é, nas palavras de Melvin Berger, o centro expressivo da obra. Haydn apresenta quatro variações sobre o tema principal, jogando com as possibilidades concedidas pelos quatro instrumentos. Esta é uma música de grande beleza, com uma dose certa de melancolia e indesmentível força expressiva.

O primeiro andamento do quarteto é, em contraste, menos marcante. Baseado num só tema que o compositor apresenta sob diferentes formas, serve de prelúdio ao andamento seguinte e demonstra bem a criatividade de Haydn.

Para suceder à solenidade contida do segundo andamento, o *Menuetto* é leve e alegre. Baseado numa dança popular, alterna com um trio mais lírico. O *Finale*, em modo menor, traz uma nova seriedade à música. Inesperadamente dramáticos, os acordes iniciais dão o mote a uma música que mistura energia, urgência e alguns momentos de falso sossego, isto embora o modo maior reapareça no final.



FELIX MENDELSSOHN

(Hamburgo, 3 de Fevereiro de 1809

– Leipzig, 4 de Novembro de 1847)

Sexteto para Violino, 2 Violas,
Violoncelo, Contrabaixo e Piano,
em Ré maior, op. 110

Sonata para Violino e Piano,
em Fá maior (1838)

A música de câmara era o género de eleição de Felix Mendelssohn, o que não surpreende se considerarmos que os seus irmãos, Fanny, Rebecca e Paul, eram também excelentes músicos e que a prática musical, sobretudo em conjunto, fazia parte do dia a dia familiar. Ao contrário de Robert Schumann, por exemplo, que centrou uma grande parte da sua criação no piano, Mendelssohn preferia a exploração das potencialidades proporcionadas por um conjunto de instrumentos. E isto, desde muito cedo, já que foi um compositor precoce. De facto, as primeiras obras que publicou, tinha então 16 anos, foram uma sonata para violino (op. 4) e três quartetos com piano (opp. 1-3), conjunto de instrumentos para o qual Mozart e Beethoven escreveram algumas páginas admiráveis, mas que, de resto, nunca gozou de muita popularidade. Mas antes, havia já escrito várias outras obras que não mereceram publicação, entre as quais um trio e outro quarteto com piano, fugas para quarteto de cordas, um quarteto em Mi bemol maior e o Sexteto em Ré maior.

Mendelssohn dedicou, durante a vida, várias obras ao conjunto violino e piano, entre as quais destacaremos, além da já mencionada Sonata em Fá menor, op. 4 (1823; a única a merecer publicação durante a vida do compositor), a Sonata em Fá maior de 1820 e outra Sonata em Fá maior, datada de 15 de Junho de 1838, que vamos hoje ouvir.

Deve-se ao grande violinista Yehudi Menuhin (1916-1999) a redescoberta desta obra. Foi ele que tornou possível a sua publicação, em Nova Iorque, no ano de 1953. A sonata está dividida em três andamentos, *Allegro vivace*, *Adagio* e *Assai vivace*, e representa bem a maturidade musical de Mendelssohn. De certa forma, esta obra antecipa o famoso Concerto para Violino em Mi menor, op. 64, que Mendelssohn acabou de compor em 1844 e que se tornou num dos concertos para violino mais interpretados e aclamados de sempre.

O Sexteto, por seu lado, foi escrito em 1824, altura em que Mendelssohn tinha apenas 15 anos. Um dos elementos que mais chama a atenção, à primeira vista, é a orquestração escolhida pelo compositor: incluir duas violas é uma escolha muito original. Geralmente, ao haver um instrumento repetido, seria o violino – tanto nos quartetos de cordas, como em variados quintetos; ao duplicar a viola, e ao dar-lhe um tratamento virtuosístico, Mendelssohn confere a este sexteto uma sonoridade particular.

No *Allegro vivace* inicial, de temperamento luminoso, percebemos que o piano é o instrumento central do conjunto, ideia que é também evidente no *Adagio* de ambiente etéreo. O curto terceiro andamento, *Agitato*, é caracterizado pela métrica (6/8), pelas sonoridades sombrias da tonalidade de Ré menor e pela energia do seu início. Depois de um curto silêncio, ouvimos o *Trio* em Fá maior, que oferece um contraste notável. O último andamento, *Allegro vivace*, começa de forma vigorosa. Aqui, Mendelssohn explora recantos tonais inabituais e, a certa altura, recupera o tema do *Menuetto*, associando assim os dois últimos andamentos, ideia que repetirá, pouco tempo depois, no seu conhecido *Octeto*, op. 20, muitas vezes considerado como a sua primeira obra-prima. O modo maior só ressurgirá no final do andamento, fechando assim esta peça admirável.

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE

Director artístico: Filipe Pinto-Ribeiro

A música de câmara exige do compositor a mais perfeita das técnicas e o mais profundo dos pensamentos. Dmitri Schostakovich

É um agrupamento musical que foi criado pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro em 2006, ano do centenário do nascimento do compositor Dmitri Schostakovich.

Resulta do encontro de músicos notáveis que se movem por um profundo prazer em fazer música de câmara e por uma cumplicidade artística que os coloca em posição de destaque entre os seus pares. Aborda um vasto repertório com obras de diversos compositores, de Johann Sebastian Bach a Robert Schumann, de Ludwig van Beethoven a Sofia Gubaidulina, de Johannes Brahms a Maurice Ravel, destacando-se projectos como a integral das obras música de câmara com piano de Dmitri Schostakovich (2006), as "Schubertiadas" (2007) ou a integral dos Trios com piano de Ludwig van Beethoven

(2008). Apresenta-se em diversas formações e conta com a participação de vários músicos, como os violinistas Tatiana Samouil, Philippe Graffin e Cecilia Zilliacus, os violetistas Natalia Tchitch e Tony Nys, os violoncelistas Pavel Gomziakov, Justus Grimm e Christian Poltéra, o contrabaixista Tiago Pinto-Ribeiro, o percussionista Pedro Carneiro, os clarinetistas Pascal Moragués e Isacc Rodriguez, o oboísta Ramón Ortega, o trompetista Manu Mellaerts, os pianistas Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro e os cantores Anna Samuil e Yuri Kissin, entre outros. Apresentou concertos em cidades como Lisboa, Estocolmo, Tallinn ou Moscovo, obtendo excelente receptividade da crítica e do público. É Ensemble Associado do Centro Cultural de Belém e tem a direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro.



Filipe Pinto-Ribeiro > piano

O pianista Filipe Pinto-Ribeiro nasceu em 1975 no Porto e é considerado um dos principais músicos portugueses da actualidade. Estudou no Conservatório Tchaikovski de Moscovo sob a orientação da professora Liudmila Roschina – chefe de cátedra de piano e sucessora do seu mestre, o lendário Samuil Feinberg – tendo

concluído com a classificação máxima o doutoramento em *performance* musical – piano. Durante os anos no Conservatório de Moscovo, estudou ainda música de câmara com Alexander Bakhchiev e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Em Portugal, foi aluno

de Helena de Sá e Costa e graduou-se com Pedro Burmester na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, no Porto. Recebeu a influência de diversos mestres e participou com frequência em *master-classes* internacionais. Foi apreciado e aconselhado por alguns dos mais importantes nomes do panorama pianístico mundial. Filipe Pinto-Ribeiro é professor de piano da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Orienta frequentemente *master-classes* de piano e foi júri de concursos internacionais.

Gravou diversos CD que obtiveram excelente receptividade por parte do público e da crítica musical. O seu CD de estreia, interpretando obras de M. Mussorgsky, A. Scriabine, D. Schostakovich, C. Debussy e M. Ravel, está já em segunda edição (Numérica 1118). O CD *Berlin Sessions* (Numérica 1105), gravado pelo pianista na capital alemã, contém sonatas de D. Scarlatti, C. Seixas, L. Beethoven, R. Wagner e S. Prokofiev. Gravou ainda um CD em duo com a pianista Rosa Maria Barrantes, incluindo obras de G. Fauré, E. Satie, C. Debussy, F. Poulenc e M. Ravel (Numérica 1119). Em 2007, foi editado o seu último CD a solo intitulado *Bach: Piano Transcriptions* (Companhia Nacional de Música 170 CD). Desenvolve uma intensa actividade solística e camerística, abrangendo um vasto repertório que se estende do Barroco até aos nossos dias. Fez a estreia em Portugal de obras como os *24 Prelúdios e Fugas*, op. 87 de D. Schostakovich, a *chaconne* de S. Gubaidulina, o *Concerto para piano e orquestra*, op. 33 de A. Dvorák, o *Quinteto com piano*, op. 15 de E. W. Korngold ou a versão para piano das *Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz* de J. Haydn. Apresenta-se frequentemente a solo com diversas orquestras e maestros, em Portugal e no estrangeiro, como a Orquestra Filarmónica da Eslováquia, Orquestra Filarmónica da Arménia, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra de Câmara do Kremlin, Orquestra Clássica da Madeira, Camerata Caja Duero de Salamanca, sob a direcção, entre outros, dos maestros John Nelson, Charles Olivieri-Munroe, Gérard Caussé, Roman Brogli-Sacher, Luis Izquierdo, Marc Tardue e Misha Rachlevsky.

É membro do Quarteto Archino, agrupamento sediado em Bruxelas. Filipe Pinto-Ribeiro é director artístico do Schostakovich-Ensemble

(DSCH), *ensemble* associado do Centro Cultural de Belém, com o qual se apresentou em concertos em cidades como Lisboa, Moscovo, Tallinn ou Estocolmo.

Pianista laureado, tem actuado em algumas das principais cidades da Europa, Ásia e América, vendo o seu pianismo reconhecido como ímpar pela crítica especializada nacional e internacional.

Tatiana Samouil > violino

Nasceu em São Petersburgo, numa família de músicos. Aos nove anos estreou-se como solista com a Orquestra Nacional da Moldávia sob a direcção de seu pai, Alexander Samouil. Diplomou-se com menção especial do júri no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe de Maia Glezarova. Concluiu o mestrado no Conservatório Real de Bruxelas com Igor Oistrakh, onde recebeu o Prémio Especial Maurice Lefrank. Estudou ainda com José Luis Garcia na Escola Superior de Música Rainha Sofia em Madrid. Tatiana Samouil foi distinguida com o 1.º Prémio no Concurso Tenuto, o Grand-Prix do Concurso Henri Vieuxtemps, a medalha de ouro no Concurso Mundial de Violino Michael Hill, a medalha de bronze no Concurso Tchaikovski de Moscovo e é ainda laureada do Concurso Jean Sibelius e do Concurso Rainha Elisabeth de Bruxelas. Tocou como solista como a Orquestra Nacional da Rússia, a Nacional da Bélgica, a Sinfónica de São Petersburgo, a Sinfónica da Holanda, a Sinfónica do Teatro Cólón de Buenos Aires, a Sinfónica do Teatro La Monnaie, a Orquestra da Rádio da Finlândia, a Filarmónica de Nijni Novgorod, a Filarmónica de Auckland, a Orquestra Nacional de Câmara de Toulouse, a Deutsches Kammerorchester de Berlim, sob a direcção, entre outros, de G. Varga, B. Engeset, M. Harth-Bedoya, Alexander Rabhari, K. Ono, H. Beissel, A. Anissimov e L. Gorelik. Tem uma actividade intensa no domínio da música de câmara tocando, entre outros, com Gérard Caussé, Bruno Pasquier, Michaela Martin, Frans Helmerson, Katia e Marielle Labèque, Sonia Wieder-Atherton e Augustin Dumay.

É membro do Schostakovich-Ensemble (DSCH). É docente na Chapelle Musicale Reine Elisabeth e no Instituto Superior de Música de Namur. É concertino da Orquestra Sinfónica do Teatro La Monnaie de Bruxelas.



Jolente De Maeyer > *violino*

Nasceu em 1984 em Bruxelas. Aos 4 anos recebeu as suas primeiras lições de violino de Johan Lommelen e começou também a aprender piano.

Aos 14 anos, foi convidada a continuar os seus estudos musicais na Escola Yehudi Menuhin, perto de Londres. Durante os quatro anos que frequentou esta escola estudou com Simon Fischer e mais tarde com Natasha Boyarsky. guiou os estudos com Natasha Boyarsky no Royal College of Music em Londres e com Stephan Picard na Hochschule für Musik Hanns Eisler em Berlim.

A partir dos seis anos começou a participar em diferentes concursos nacionais e internacionais tornando-se a mais jovem laureada de sempre no Concurso Jong Tenuto, e obteve também o 1.º Prémio do Concurso Charles Bériot (categorias A e B). Posteriormente foi também galardoada em diversos concursos internacionais, como o Concurso Internacional Cardona, em Portugal, o Concurso Internacional Liana Issakadze, na Rússia (2004), e o Concurso Internacional de Violino Benjamin Britten, em Londres (2005).

Toca como solista com a Orquestra Yehudi Menuhin, a Orquestra da Rádio Flamengo, a Philharmonie Royale Flamande, a Symfonieorkest Vlaanderen, Nuove Musiche, a Norfolk Symphony Orchestra, a Kempisch Youth Orchestra, a Brussels Youth Orchestra, a St-Petersburg State Academic Capella Chamber Orchestra e a St-Petersburg State Academic Capella Symphony Orchestra. Trabalhou com os seguintes maestros: Etienne Siebens, Silveer Van den Broeck, Dirk Brossé, James Stobart, Michel Tilkin, Stefaan Fraas, Alexander Chernushenko e Rudolf Werthen. Em 2008, tocou com a Symfonieorkest

Vlaanderen com Etienne Siebens e a Philharmonie Royale Flamande com Philippe Herreweghe.

Desde 2003, formou um duo com o pianista Nikolaas Kende e juntou-se ao *ensemble de música de câmara Frescamente*, em 2007. Na Bélgica, tocou regularmente no Bozar, na Salle Elisabeth, no Singel e no Roma e em concerto no Festival van Vlaanderen e no Herkenrode Festival. Apresentou-se em França, Itália, Rússia, Portugal, Croácia, Holanda, Espanha, no Wigmore Hall em Londres e no Gstaad Menuhin Festival na Suíça.

Tony Nys > *viola*

Estudou violino no Conservatório Real de Música de Bruxelas com Clemens Quatacker e Phillipe Hirschhorn. Teve aulas também com S. Gawriloff e C. A. Linale.

De 1994 a 1997 foi membro do Quarteto de Cordas Fétis e trabalhou com o Quarteto Alban Berg, o Quarteto Borodin e o Quarteto Amadeus.

Foi também membro da World Youth Orchestra e da Orquestra de Câmara Gustav Mahler, sob a direcção C. Abbado, I. Fischer, P. Boulez, entre outros.

Em 1998, tornou-se violetista do Quarteto Danel, tendo-se apresentado nos principais palcos internacionais e gravado uma extensa discografia.

Tocou com artistas de renome, como o Quarteto Borodin, o Quarteto Brodsky, o Quarteto Petersen, Vladimir Mendelssohn, Garth Knox, Gérard Caussé, Frank Braley, e trabalhou com os compositores Helmut

Lachenmann, Wolfgang Rihm e Pascal Dusapin. Com o Quarteto Danel, ensinou na Universidade Witten-Herdecke na Alemanha e no Conservatório Nacional Superior de Lyon. Em 2005, Tony Nys saiu do Quarteto Danel. Desde então, tem trabalhado com vários ensembles, como Prometheus, Ictus, Ensemble Modern, Explorations, Trioenix e Tetralyre. É professor de música de câmara no Orpheus-Institute em Ghent e professor de viola no IMEP em Namur. Trabalhou também como viola-solo na Orquestra da Rádio de Frankfurt. Actualmente é solista da Orquestra Sinfónica do Teatro La Monnaie de Bruxelas.

Justus Grimm > *violoncelo*

Nasceu em Hamburgo. Aos cinco anos recebeu a sua primeira lição de violoncelo de seu pai. Mais tarde, estudou em Saarbrücken com Ulrich Voss e em Colónia e Estocolmo com Claus Kanngiesser e Frans Helmerson. Participou em *master-classes* com Steven Isserlis, Heinrich Schiff, Boris Pergamenschikov e William Pleeth. Recebeu o 1.º Prémio como violoncelista na Escola Superior de Música de Colónia e foi premiado no Concurso de Escolas Superiores de Música na Alemanha.

Em 1999, com o pianista Florian Wiek, ganhou o 1.º Prémio no Concurso Nacional Deutscher Musikrat e obteve o 1.º Prémio e medalha de ouro no Concurso Internacional Maria Canals em Barcelona.

Desde então, apresentam-se regularmente em vários festivais pela Europa (Ludwigsburger Festspiele, Festival van Vlaanderen, Grieg

Festival na Noruega, Festival Zermatt na Suíça, Festival Mitte Europa).

Desde 1999, é o 1.º violoncelo solo da Ópera Nacional de La Monnaie, em Bruxelas. Teve a sua estreia como solista em 1993 com a Orquestra Filarmónica de Hamburgo. Posteriormente, tem-se apresentado com a Orquestra Filarmónica de Bona, a Staatsorchester Rheinische Philharmonie, a Orquestra Sinfónica de La Monnaie, a Orquestra Filarmónica de Brandenburgo, a Orquestra Royal de Wallonie, a Orquestra de Câmara da União Europeia, a English Chamber Orchestra, em salas de concerto como a Berliner Konzerthaus, a Musikhalle Hamburg, a Beethovenhalle Bonn, a Cologne Philharmonie e o Palais des Beaux Arts em Bruxelas.

Tem-se apresentado em parceria com os músicos Heribert Beissel, Gerard Caussé, Augustin Dumay, Abdel Rahman El Bacha, Kazushi Ono e Antonio Pappano. Além de várias apresentações em rádio e televisão (WDR, NDR, SWR, DLF, RTBF, VRT, Musique France) gravou um CD com obras de Beethoven, Brahms e Schostakovich para a etiqueta Ars Musici. Para a mesma etiqueta gravou um CD com o Trio Wiek, incluindo obras de Weber e Mendelssohn.

É professor de violoncelo no Conservatório Real de Antuérpia.

Tiago Pinto-Ribeiro > *contrabaixo*

Nasceu no Porto, em 1978.

Iniciou os estudos de contrabaixo aos 13 anos no Conservatório Regional de Gaia. Em 1999, concluiu o bacharelato na Escola Superior de Música do Porto com 19 valores. No mesmo ano, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, ingressou na Universität der Künste de Berlim, na classe do professor Michael Wolf, concluindo a licenciatura "Diplom" com a classificação máxima e distinção, o que lhe deu acesso imediato ao Konzert-Examen.

Em 2004 concluiu o mestrado com a classificação máxima e distinção.

Frequentou várias master-classes com os contrabaixistas R. Zepperitz, Dane Roberts, K. Stoll, W. Güttler, D. Mctier, entre outros. Entre os vários prémios nacionais e internacionais destacam-se a Menção Honrosa, em 1996, no Concurso Internacional de

Contrabaixo da International Society of Bassists, em Houston – Texas, e, em 2003, o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Cordas, classe A, Julio Cardona, na Covilhã.

Tem-se apresentado a solo e em música de câmara em diversos festivais, como Gallerie Mutter-Fourage Festival em Berlim; Simpósio Internacional de Contrabaixo no concerto de encerramento, em Berlim; Festival Atlantic Waves, em Londres; Dias da Música do Centro Cultural de Belém; Festival de Mafra; e Fundação Calouste Gulbenkian.

Durante o seu percurso na Alemanha, Tiago Pinto-Ribeiro trabalhou em algumas das melhores orquestras mundiais.

Foi admitido na NDR Symphonie Orchester de Hamburgo onde trabalhou dois anos. Colaborou também com as orquestras NDR Radio Philharmonie de Hannover, a Orquestra Sinfónica de Berlim, a Orquestra Sinfónica da Galiza, entre outras, onde foi dirigido por maestros consagrados como Claudio Abbado, Christoph Eschenbach, Christoph von Dohnányi e Kent Nagano.

Tiago Pinto-Ribeiro colabora frequentemente com o Schostakovich-Ensemble. Actualmente é membro da Orquestra Nacional do Porto.

Vladimir Mendelssohn > viola

Filho de uma família de músicos da Roménia estudou viola e composição na Academia de Música da sua cidade natal, Bucareste.

Apresentou-se por todo o mundo como solista e músico de câmara, compositor e arranjador, e actualmente é convidado para inúmeros festivais internacionais na companhia dos mais prestigiados músicos. Os seus compromissos levaram-no a vários locais dos Estados Unidos, a várias cidades na Europa e à Rússia, Israel, Tunísia, Japão, Coreia do Sul, Hong Kong e América do Sul. Fez diversas gravações para diferentes etiquetas.

Compositor prolífero, criou obras para instrumentos a solo, coro, sinfonia e orquestra de câmara. Dos seus trabalhos de música de câmara incluem-se quatro obras para quarteto de cordas, Nova para clarinete, trio de cordas, piano e percussão, e Don Aldebarran para sete instrumentos de cordas, piano e actor. Compôs também a música para o bailado *Le petit prince*, para teatro *Athalie* (Racine) e *Les Mouches* (Sartre) e para cinema, *Le Joueur de Violon* com Gidon Kremer. Desde 2005, é director artístico do mundialmente famoso Kuhmo Chamber Music Festival. É professor de música de câmara no Conservatório de Paris e também em Haia, Essen e Bolonha e dá *master-classes* por todo o mundo.



CCB . CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANTONÍO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL]
CENTRO DE ESPECTÁCULOS DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO PAULO BARBOSA | INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPES ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS ÖMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA ESTAGIÁRIO JOÃO LEMOS SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUIS SANTOS | RAUL SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR RINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROÇA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

FESTAS DE LISBOA OUTRAS CENAS SÃO FESTAS DE LISBOA

CCB

27 JUNHO 21H GRANDE AUDITÓRIO
M/12

**SONHO
DE UMA
NOITE
DE VERÃO**

Felix Mendelssohn

**CONCERTO
DE VERÃO**

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

Pedro Carneiro direcção

< participação especial **Beatriz Batarda**

www.ccb.pt BILHETEIRA ONLINE
TRAGA O SEU BILHETE DE CASA

DESCONTO  **CARTÃO AMIGO CCB**

MEZZO
CLASSE TV

 **Lisboa** 

 **Portimão**
Clube Municipal

UMA COLABORAÇÃO CCB/CM/EGEAC EEM

